

FOLHETIM

K2R00102 66

Não pode ser vendido separadamente



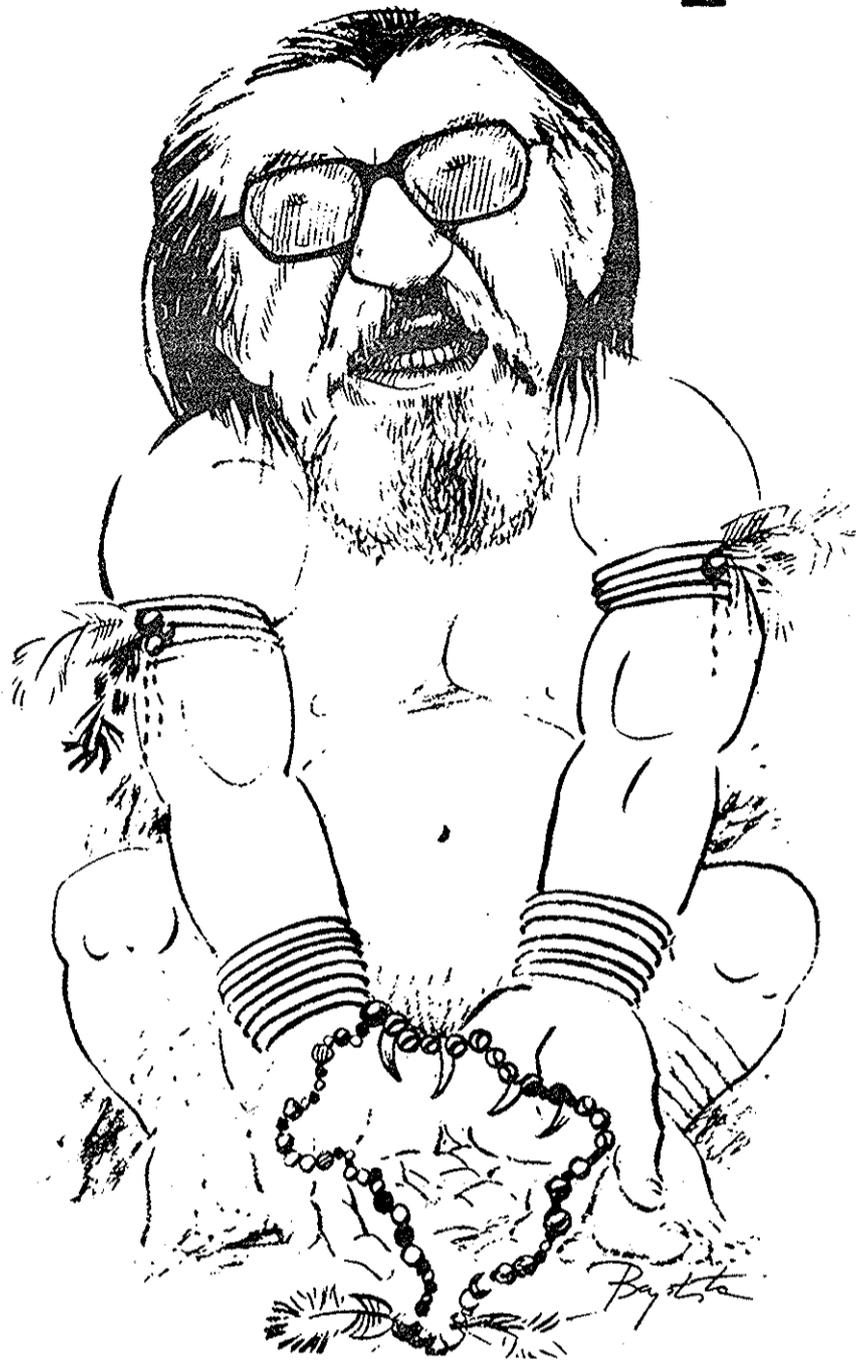
Imagem positiva

O VELHO CACIQUE BRANCO



Orlando
Villas-Boas

O velho cacique



O que é Orlando é gordo, alegre, falador. Conta piadas como ninguém, hábil nas negociações com o índio e o branco, não tem nenhuma timidez com estranhos. Festa e comida boa é com ele mesmo.

O que é Claudio é enxuto, metucioso, discreto. Dedicado às gentilezas que gratificam as visitas, estuda sempre até altas horas, modesto no jeito e nos atos. Conhecimento preciso é com ele mesmo.

O Velho Cacique Branco Villas-Boas é, na realidade, como um centauro que não se divide. Orlando e Claudio, Claudio e Orlando, nas mesmas idéias, na mesma luta, nas mesmas dores. Estão juntos desde que nasceram, embora alguns anos os separem na idade: o que é Orlando é mais velho (61), Claudio o mais novo (58). Estão na luta do índio há 36 anos, metidos no mato.

Nesta entrevista, na casa daquele que é Claudio, o Velho Cacique Branco falou, riu, brincou como brincam os índios, emocionou-se até a indignação com as tristezas do branco, as ganâncias de uma sociedade que se considera civilizada. Em quatro horas de conversa com Sérgio Gomes e Joca Pereira, nesta Semana Nacional do Índio.

Sérgio Gomes — Orlando, como é que vocês foram pro mato?

ORLANDO VILLAS-BOAS — Nós morávamos em São Paulo, eu trabalhava na Standard Oil Company of Brazil, naquele tempo não era Esso. O Cláudio era da Telefônica, mas a gente tinha formação de interior. Morava aqui por circunstâncias, porque o velho precisava de assistência médica mais efetiva e no interior já era mais difícil, então, mudamos todos pra cá. Montamos uma casa enorme ali na rua Teodoro Sampaio. Um sobradão enorme. E, quando os velhos faleceram, a vinculação nossa com a cidade grande tinha acabado. Então, nós passamos para uma pensão ali na rua Rego Freitas, esquina da Marquês de Itú. E dali nós saímos pro mato. Mas, ih, quanta coisa aconteceu antes, né? Eu fui o primeiro cabo mobilizador do Exército brasileiro. Era um cabo formidável, porque eu escrevia os discursos pro comandante do Batalhão. Agitava bastante, aquele troço todo, ia preso e ele me tirava da cadeia. Eu sai do Exército e o meu mano, o Leonardo, que faleceu, entrou. Quando o Leonardo resolveu entrar eu falei, "não pode, aí não, dois Villas-Boas num quartel só não dá" (risos). Então ele entrou, eu sai. Foi eu sair arrebatado a guerra. Sabe que eu fui pra lá, pus a minha ficha em primeiro lugar, a ficha sumia, passava pro fim. Eu não fui um mau soldado, fui assim razoável. Datilografava muito bem, né?

Não era muito burro pra escrever, ajudava a escrever algumas coisinhas lá, etc. Mas eu não sei, comecei a fazer muita desordem e passei a desertor, né? Passei por desertor durante 48 horas...

Sérgio — Como é que foi isso?

ORLANDO — Eu vinha aqui pra São Paulo e ia pra esses lugares assim meio suspeitos, e aí eu gostei, fiquei e passou uma semana. Não voltei pro quartel (risos). Eu estava de tamanco, andando pra lá e pra cá (risos). Aí eu passei a desertor e fui pra cafuná, a cafuná do Quartel General da rua Crispiniano. Era uma toca, assim, sem janela, sem respiradouro e eles enfiavam sujeito lá dentro. Mas também era uma prisão rápida, de no máximo 24 horas, e então mandavam o sujeito sair (risos).

Sérgio — Mas voltando à história de como vocês se tornaram sertanistas...

ORLANDO — Bem, depois da pensão nós fomos para uma expedição. Uma expedição extraordinária, porque o chefe era uma figura altamente do governo. O negócio era que a expedição foi criada logo após as declarações de algumas figuras, alguns estadistas europeus, que diziam que os vazios do Brasil Central deviam ser ocupados com populações excedentes da Europa. O mundo estava em guerra e a tônica era Espaço Vital: o espaço vital de Hitler. E o Brasil com aquela coisa toda desconhecida... Foi quando então se despertou no governo

brasileiro um certo interesse, em conhecer pelo menos os tais vazios do Brasil Central, que era a área visada. A mais próxima do centro civilizado e que poderia, facilmente, aceitar levas imigratórias enormes. Então, criou-se uma expedição, a Expedição Roncador-Xingu

Sérgio — Ordenada por quem?

ORLANDO — Quem organizou tudo foi o ministro João Alberto Lins de Barros. Foi mais ou menos em 42. E daí o João Alberto criou a expedição e pra chefiar essa expedição ele pôs um coronel. Esse coronel não era assim muito brilhante, não tinha muita tarimba de escola, também não tinha tido muita tarimba de Quartel, vinha do sertão, por aí. Ele era caçador de patos (risos). E ele era tão engraçado que confundia sertanejo com analfabeto. Então quando nós fomos pedir emprego pra ele pela primeira vez, quando ocorreu a notícia, nós dissemos: "Olha! nós queremos participar dessa expedição que está sendo anunciada". Ele disse: "Eu não vou contratar ninguém aqui da cidade, porque pessoal da cidade é muito fraco, muito mole, eu vou contratar só analfabeto, porque analfabeto tem resistência". Depois é que nós fomos saber que analfabeto era sertanejo (risos)... Aí nós deixamos crescer a barba, nos apresentamos e fomos admitidos, como trabalhadores braçais. Depois, mais tarde, é que nós fomos denunciados como "alfabetizados", (risos) aí

fomos aproveitados em cargos (risos). Eu passei a ser chefe, secretário geral da coisa, e o Cláudio passou a ser chefe do almoxarifado, porque havia uma "crise" de alfabetizados. O chefe da base, coitado, tinha que fazer tudo. Era uma loucura, né? Quando apareceram três sujeitos mais ou menos alfabetizados, que éramos nós — Leonardo, Cláudio e eu — fomos aproveitados.

Sérgio — Onde foi a primeira base dessa expedição?

CLAUDIO VILLAS-BOAS — A primeira base foi a Barra do Garça, uma vila garimpeira terrível onde todo dia amanhcia duas ou três pessoas mortas. A Barra do Garça é onde o rio das Garças deságua no rio Araguaia. Dali partiu a expedição sob o comando do coronel Vanick.

Sérgio — E a primeira etapa da expedição? Como é que foi o percurso até o rio das Mortes?

CLAUDIO — A primeira etapa era uma região que tinha fazendeiros e síltantes. Nos últimos 10 quilômetros é que penetramos numa região brava que nos obrigava a trabalhar com facão, foice e tudo o mais. Aí abrimos um campo, às margens do Rio das Mortes, que foi onde desceu o ministro João Alberto, ministro plenipotenciário durante a guerra, a primeira pessoa abaixo do Getúlio.

Sérgio — E o que mudou com a chegada dele?

CLAUDIO — Quando ele chegou percebeu logo que nós três não éramos da região. Perguntou de

onde vínhamos, fez algumas brincadeiras sobre o gosto pela aventura que têm os paulistas, essa coisa de Bandeirantes e tal. E quando chegou a hora difícil mesmo, quando a expedição tinha que partir pra entrar já na região desconhecida, a região do Roncador compreendida entre o Rio das Mortes e o rio Kuluene, 250 quilômetros, em linha reta, ocupados por Xavantes, o ministro viu que o coronel Vanick não tinha condições físicas de conduzir a expedição. Ele andava daqui até ali e ficava logo com aquela canseira, aquela coisa. Aí o João Alberto nos chamou — Leonardo, Orlando e eu, e nos entregou a chefia da vanguarda da expedição Roncador-Xingu.

Sérgio — O objetivo, portanto, não era encontrar gente ou pesquisar qualquer coisa relacionada aos povos indígenas que pudessem estar vivendo naquela região.

CLAUDIO — Não. Era uma expedição colonizadora, para ir fundando núcleos e depois mandando gente pra lá, como está se querendo fazer, hoje, na Transamazônica. Não havia mais ninguém, além de nós.

Sérgio — Mas como? Vocês não estavam abrindo caminho para um processo de ocupação colonizadora?

CLAUDIO — Mas aí é que tá: esse movimento colonizador não deu certo, né? A região que nós penetramos aí era a dos Xavantes de forma que, primeiro, tínhamos que fazer sua atração e, depois, localizar um outro núcleo civilizado. Mas assim que nós atravessamos — e a nossa incumbência não era a pacificação dos...

Sérgio — Quer dizer, então, que vocês começaram como colonizadores. O termo exato é este.

CLAUDIO — É. Abrindo uma picada de reconhecimento para uma futura estrada que ligasse o Rio de Janeiro a Manaus.

Sérgio — Agora, como é que vocês se sentem como elementos facilitadores desse contato dos chamados civilizados com os índios?

ORLANDO — Nós, realmente, tempos depois, abrimos a área — o Xingu — mas usamos um critério muito rigoroso: exclusivamente para pesquisa e cientistas com capacidade de pesquisas, com plano de trabalho bem feito.

Sérgio — O que eu digo é noutro sentido: como os Villas-Boas se sentem por terem aberto caminho para o contato dos brancos com os índios? De terem facilitado a coisa para essa "cilada"?

ORLANDO — Não, não, não. Nós não temos a consciência muito pesada nesse sentido, porque a única coisa que nós fizemos, na realidade, foi uma coisa que nós acertamos: não mexer absolutamente com a comunidade indígena, não deixar que se alterasse absolutamente nada de sua cultura, tanto material como não-material. As pessoas que pra lá foram eram pessoas que ficavam num plano de trabalho, e os maiores antropólogos do mundo passaram por Xingu. Compreende? Então, Xingu serviu como um passo à frente no sentido de mostrar aqui fora que o índio era gente. Que o índio era o dono de uma cultura forte. Que não era aquilo que a gente pensava quando criança: um homem sem lei, caminhando pela

fazendo o diabo. Não. Começamos a compreender o que é uma sociedade equilibrada, estável, em todos os aspectos. Então o Xingu foi o maior veículo e a maior área nesse sentido, porque ela não só teve uma grande repercussão dentro do território nacional como saiu pro estrangeiro. Os pesquisadores que lá andaram não eram só nacionais. Tivemos uma grande quantidade de pesquisadores franceses, americanos, alemães, que estiveram no Xingu fazendo pesquisas. E isso, de certa forma, projetou pra fora o Xingu. Mas não é o Xingu que vale. O que vale é que o índio, em si, foi mostrado por um aspecto totalmente diferente. Veja você, o primeiro ato, no Brasil, com relação ao índio, assinado por José Bonifácio, no ano de 1823, dizia: "... e estimular o casamento deles com negros, para que sejam assimilados"...

Cláudio — ... a fim de que eles fossem assimilados pela civilização. Porque eles achavam que o índio era um elemento selvagem. E agora com a evolução, desse século pra cá, das ciências humanas, é que começou então a saírem esses pesquisadores pra Ásia, pra América. A etnologia é muito nova, né? Ela começa mesmo em meados do século passado.

Como vivem os índios

Sérgio — Como você explica o equilíbrio das comunidades indígenas? Além disso, você podia nos contar algumas coisas que mostrassem bem as características desse jeito diferente de viver?

ORLANDO — Veja o seguinte: por exemplo, o equilíbrio tribal. Não há uma sociedade que possa ser equilibrada, se ela não for economicamente equilibrada. Os elementos sociais que constituem a maior preocupação da sociedade nossa, dispersa em explosão e em concorrente, são exatamente a questão econômica. Não pode haver desequilíbrio numa aldeia onde existe um perfeito, um perfeitíssimo, equilíbrio econômico, né? É uma sociedade totalmente estruturada, diferente da nossa. Você não vai querer também que uma sociedade extensa como a civilizada se dê ao luxo de ter a tranquilidade de uma sociedade restrita como é a do índio. Uma sociedade que vive sem chefe, onde ninguém manda em ninguém, onde o indivíduo é dono do seu nariz. Ele levanta de manhã, e faz o que? Ele traça as suas atividades do dia e, se ele resolver ficar deitado o dia inteiro, nem a mulher chama; ninguém fala nada. O dia em que ele levanta...

Hoje eles têm tesoura, mas o cabelo eles cortavam com taçara e concha. Mas se hoje ele levanta com a tesourinha, cortando a ponta do cabelo embaixo, ele passa o dia inteiro olhando no espelho, desse tamanho, cortando o cabelo e ninguém diz uma palavra. A criatura é totalmente livre dentro da comunidade. Ninguém a obriga. O que mantém a coesão tribal é o mundo mítico do índio. Você tem que ver que coisa formidável! Você vê que formação moral e ética tem o indivíduo prá poder viver numa comunidade sem molestar ninguém, apenas como obediência às suas tradições culturais, né? Nós aqui temos uma que vai desde o guarda-noturno até o sr. Paulo Egydio prá poder manter a gen-

de na imita. E passa por aí, tem forças de Exército, uma porção de coisas, né? (risos). Se eu sair agora na rua e der três gritos, abrem pelo menos umas dez janelas e chegam pelo menos umas duas viaturas e me levam. E eu vou ter que explicar pro delegado porque é que eu gritei. Se o índio resolver levantar de manhã e começar a gritar no meio da aldeia, ninguém olha prá cara dele. O máximo que podem dizer é "ele gosta de gritar", e mais nada.

Sérgio — E ele grita mesmo? ORLANDO — Grita quanto quiser. Então a criatura é totalmente livre. Mas mais livre de todos ainda é a criança. E essa coisa que nós na sociedade achamos como uma coisa altamente requintada da educação da criança, a liberdade sem medo, é um processo do índio, mas com muito mais seriedade do que a nossa. Nós rotulamos a nossa coisa como uma liberdade sem medo, mas na verdade a criança ouve pelo menos uns 200 "não" por dia. "Não, menino", "não faça isso,

equilíbrio tribal é o fato de o índio, qualquer criatura de uma comunidade, ele é capaz de fazer tudo aquilo que ele necessita durante toda a sua vida. Muitas vezes, tem alguns tipos de artesanatos que são especialidade da mulher. Fazer biju, por exemplo, é um troço que o homem não pode fazer. E da distribuição do trabalho mas se ele tiver necessidade, tiver fome e não tiver quem fazer, ele faz o biju, ele sabe fazer o biju, ele sabe apurar a mandioca brava, né? Você faça idéia que tempo imenso não deve ter decorrido até o índio ter chegado à conclusão de que a maneira que ele tinha prá exalar, evaporar, o ácido cianídrico da mandioca brava seria através da ebulição

Sérgio — Quanta gente não morreu aí, hein?

ORLANDO — Pois é, a mandioca brava, se você assar a mandioca brava como assa a mandioca comum, que nós chamamos mansa, que é a macaxeira, essa que a gente come frita... Se você fizer isso



Foto Abril Press

Cláudio e Orlando Villas-Boas: valeu a pena.

menino", "nada disso, menino", né? E o índio, não. O índio não diz nunca "não" à criança. Ela tem liberdade total. Um menino de 5 anos, que nós presenciávamos, tocou fogo numa aldeia que leva 3 a 4 anos prá construir. Aquilo parece uma pólvora: "püm!". Tudo sapé, arrebita, queima tudo aquilo, e não tem uma criatura que se vê zangar com a criança, ou vai dizer pro pai "pô, o seu filho, porque afinal, veja o que ele fez". Nada, absolutamente, não tem nada disso

Sérgio — E de onde é que vem esse mito da impunidade da criança?

ORLANDO — Eu creio que isso aí é tradicional, é da própria formação da sociedade deles, né, Cláudio? Isso deve ser da formação. Não é, por exemplo, passível de punição uma criança que faça tal coisa, uma vez que tá inerente na criança a liberdade de fazer o que ela quer. Então não há punição, não existe por exemplo, essa questão de ... como é que chama? de adúterio, a concepção é outra. Nós é que não podemos, de forma alguma, enquadrar certos atos e aspectos da vida do índio dentro do quadro do civilizado. Senão aí nós passamos a achar uma série de coisas que se chocam com a nossa lei moral, que é totalmente diferente da deles. A deles, a lei moral, a ética, é outra completamente diferente. O que jus-

com a mandioca brava você cai duro, na hora. Então essa coisa, essa distribuição do trabalho, o fato de ele fazer tudo aquilo que ele necessita durante toda a sua existência, é que dá o equilíbrio econômico e o equilíbrio tribal. É a não necessidade do sujeito procurar aquilo na casa do vizinho, né, ele tem tudo, tudo. Isso também, de um lado, justifica o fato de um índio não ter dó do outro. Por que eu vou ter dó, se tudo aquilo que eu sei fazer, você sabe também? Então o que acontece? Ele atravessa a vida com 80/100 itens diferentes. Quer dizer, já se inclui aí, por exemplo, tipos de banco. Eles fazem 4, 5, 6 tipos de bancos. Flechas, fazem 3, 4, 5 tipos. Assim mesmo ele atravessa a vida tendo tudo aquilo que ele necessita, que a sua cultura exige, com uns 100 itens diferentes. E o que chamou a minha atenção foi quando eu vi um anúncio, de uma grande casa comercial, aqui em São Paulo, que dizia que tinha à disposição do povo paulistano nada menos do que 425 mil itens diferentes. Quer dizer, é uma sociedade que se alicerça no supérfluo, né? O índio é puramente objetivo e só faz o essencial. Você veja, se dentro do aspecto econômico uma comunidade é tranquila, não há razão de ter desequilíbrios. Então esse é o fato que justifica o índio ser um sujeito alegre. Quando você vai fazer uma

civilizado é desfrutável. Sabe, é tão desfrutável que nós chegamos a baixar um regulamento: "É expressamente proibido fazer isso, isso, e isso". Tinha quem ficava tão entusiasmado, via aqueles índios e cortava o cabelo como índio, né? Se pintava que nem o índio, e o índio morria de rir dele. E a troca de nomes? O índio já fazia isso de propósito, né? Chega e imediatamente pergunta "como você chama?" Ele diz "chamo José". E diz "então agora eu chamo José e você chama Iró". Aí o sujeito sai dizendo "agora sou amigo dos índios, já até trocamos de nome", e o índio diz "você vê que imbecil aquele Iró? Viu o que ele fez?". E o civilizado não desconfia. Então nós baixamos um regulamento de como o civilizado devia proceder no contacto com o índio...

Sérgio — O que conversamos essas mulheres? Entre elas?

ORLANDO — Elas fofocam, não dizem... engraçado que toda a vida a gente faz a mesma pergunta. O sujeito vive junto na mesma casa, faz a mesma coisa, vive no mesmo mundo, e conversa o dia inteiro, ri o dia inteiro e não faz piada. O índio não faz piada.

Sérgio — Não faz?

ORLANDO — O índio não faz piada, ele é gozador. Com relação ao civilizado, principalmente, ele é um grande gozador. Com relação a eles mesmos, são muito resguardados, mas com relação ao civilizado eles gozam demais e porque realmente o

civilizado é um troço altamente frívolo. O índio dançando o jacuí, a postura do jacuí. Já o civilizado dançando o jacuí... o troço é de um ridículo que você não pode imaginar. O índio é de uma elegância, é um balé. O índio quando ele se pinta e anda no meio do terreiro, todo pintado, ele não anda, ele desfila. Ele mal toca no chão. O civilizado, não. Nós somos pesados, nós temos disciplina. O índio quando vai lutar, ele é altamente esportivo. O civilizado não sabe perder. Nós chegamos a proibir: "é expressamente proibido lutar com índio e brincadeira de mão", porque o civilizado se vai lutar e tem dez civilizados olhando, ele não quer perder. Então ele começa a dar golpes que o índio nunca poderia dar e o índio não dá nunca, nem que saiba, por questão de lealdade. Mas o civilizado não tem essa coisa. Então houve um lula entre um civilizado, um sujeito forte, e um índio muito mais frágil. O índio derrubou ele e, na segunda vez, ele pegou e quebrou a clavícula do índio. Quebrou e aí nós proibimos definitivamente, né? Há também a questão de tratamento: nunca é aconselhável você ter essa coisa muito íntima com o índio, de estar passeando de braço dado, porque o índio aceita, pois não sabe falar "não". Ele aceita tudo. Se você der pra ele uma coisa que ele detesta, por exemplo uma alimentação ele, delicadamente, vai dizer pra você: "olha, isso é muito bonito, eu gosto muito disso aqui, mas eu vou comer quando o sol estiver aqui". Então você não insiste, porque ele vai pegar delicadamente aquilo e jogar fora. Ele não vai comer mas ele indica a altura em que o sol estará na hora em que ele vai comer. Pra justificar. Ele nunca diz "não". Quando o índio chega pra dar umas cabaxas enormes cheias de cauí, um toma, dá pro outro, o outro toma, dá pro outro e cada um toma um gole. Quando chega a vez do civilizado e ele diz "não, não, não quero não", porque muita gente já pôs a boca. Não tem importância que não tome. O índio não faz questão que você tome. Se você pegar, o gesto de você fazer de conta que tomou, e deu pra ele, pronto, é suficiente. Ele não vai obrigar você a tomar. Ele é de uma finura! Se os índios estivessem no Itamaraty, nós já tínhamos feito até Itaipu (risos). Entendeu? É uma coisa louca. É um diplomata.

Sérgio — Que outras coisas vocês proibiram?

ORLANDO — Ah, tanta coisa! A troca, por exemplo. Essa velha mania do civilizado de fazer bom negócio. Quando o índio desconhecia o fósforo, uma calxinha prá ele era de um valor fabuloso. Nós encontramos, uma ocasião, um grupo de índios que vinha a Caiabi trazendo uma criança com as mão sangrando de tanto fazer força pra fazer fogo, né? Pra ele uma caixa de fósforo tem um valor de um Volkswagen.

Os padres e a Funai

Sérgio — Qual a opinião de vocês sobre a política desenvolvida pelo Conselho Indigenista Missionário — CIMI — criado pela Igreja Católica em 1974?

ORLANDO — Eu acho que o CIMI é válido em todas as críticas que faz mas acho que ele devia também assumir a res-

possibilidade executiva pra poder ter direito a crítica. A Funai luta com uma dificuldade imensa de gente capacitada pro tipo de trabalho. Então, ela propôs ao Cimi: dava todos os recursos ao Cimi e o Cimi dava um pouco da experiência que tem. O Cimi respondeu que não, que a função deles é puramente de crítica e não executiva. Eu não acho que isso seja razão porque é o que eu estou dizendo: a gente não pode jogar todo esse mal, tudo isso que pertence à sociedade brasileira, pra cima de uma pequena entidade que tem que responder com o ônus de tudo de mau que se faz ao índio. No Brasil nós temos 53 missões religiosas. São 21 católicas e 32 não católicas. As católicas, sem dúvida alguma, são as melhores no trato com o índio, principalmente depois das recomendações da CNBB de que não se devia preocupar com a alma do índio físico. Agora, essas outras missões são fiscalizadas? Por que é que o Cimi, já que ele é independente e tá criticando todo trabalho de assistência ao índio, por que é que não critica as missões que não são católicas, ou as próprias católicas? Eu gostaria, por exemplo, que o Cimi me respondesse. Uma ocasião eu perguntei a eles, dentro de um Congresso, se o Cimi acha, já que faz críticas às relações índio-civilizado, civilizado-índio, se ele acha que é inviável a política indigenista implantada nas missões do rio Negro. Se ele acha que é certa a política implantada pelas missões salesianas no Meruri com relação ao índio? Mas eles não quiseram responder. Disseram "não, nós não estamos aqui pra criticar outras missões". Mas então criticar quem? Só o organismo federal? O organismo federal reconhece as suas falhas. E as 32 outras missões não católicas, as missões protestantes? Viu? Porque é que o Cimi nunca levantou uma palavra? Dizem: "Nós não queremos abrir guerra com o estrangeiro". Mas como? Então quer abrir guerra só com o Governo porque não tem nada a perder? Mas se você abrir guerra contra o Summer Institute, você tem a perder. Por que eles nunca criticaram o Summer? Foi preciso que uma geóloga aqui de São Paulo fosse constatar na Amazônia os buracos feitos pelo Summer, buracos de 50 metros. Por que nunca falou das missões não católicas que agiam no Rio São Francisco e davam anticoncepcional pra cabocla, por conta própria, sem nenhuma orientação por parte dos órgãos governamentais, do Ministério da Saúde, que é quem deveria tomar o problema? Nunca. Por que é que o único órgão criticado pelo Cimi é sempre o órgão do governo? E sem muita razão. Primeiro, porque o órgão confessa as suas falhas, nós estamos hoje necessitando de 108 professoras, nós estamos necessitando de 88 auxiliares de enfermeiras, estamos necessitando de 60 indigenistas pra tomar conta de postos. Mas houve uma restrição do governo proibindo a admissão de gente em 1977. Não foi admitida uma só. Entende? A Funai tem no Brasil todinho 1.200 funcionários pra atender toda a dinâmica que vai desde o Rio Grande do Sul até a Amazônia, incluindo sertanistas, capatazes de postos, motoristas das sedes e das 12 delegacias. É claro que a dinâmica é grande. E eles ficam dizendo: "Fica gastando todo o dinheiro fora da área". Mas se não monta a máquina, você não pode tratar do índio. Essa es-

trutura é cara. E pra isso a Funai tem pouco recurso. Quais os recursos da Funai pra 1978? 160 milhões de cruzeiros. Quais são os recursos que tem o Instituto da Madeira, Instituto do Chá ou o Instituto do Café? A Funai não chega a ter a metade ou um terço dos recursos que tem os outros. E a Funai tem sob a sua responsabilidade um problema social que evolui, que modifica a cada 24 horas. Então ela é vulnerável à crítica porque lida com gente.

Joca — Mas a crítica do CIMI não é mais quanto à política indigenista da Funai?

ORLANDO — Mas a política indigenista da Funai ela dificilmente poderá ser modificada. Ela tem que ser conduzida como está sendo conduzida agora. Não adianta você dizer assim "a finalidade objetiva da Funai é a integração do índio à sociedade nacional, tem que participar da economia regional, tem que transformar o índio num caboclo". Muito bem, se você for entrar em polêmica com os responsáveis pelo movimento indigenista, você vai ter uma luta estéril, uma luta sem futuro, que não vai levar a nada. Então, fazer como está sendo feito. Esse sujeito que tá lá não é um gênio. Não é um grande conhecedor do assunto do índio. Ele conhece quase todos os postos do Brasil, conhece bem o Estatuto do Índio e é um homem que você pode conversar. Então você diz, "ô general, é uma loucura fazer o processo de integração a toque de caixa com o índio. Ele deve ser gradativo, lento, se tiver que demorar 20, 30, 40 anos, mas o essencial é que se respeite a cultura do índio, que respeite o índio como povo". Pois bem. É nesse sentido que a Funai tá caminhando. Você nunca mais ouviu falar da boca do general "a integração do índio à Sociedade Nacional". Até o ministro virou! O Xingu que era uma reserva de índios em estado de cultura pura — e que o presidente anterior da Funai falou em termos de que era um quisto racial — pois bem, o próprio ministro que achava que o índio devia ser integrado a toque de caixa, hoje ele manda medir a área do Xingu, fez discurso que saíram nos jornais. "Ninguém me tocará num fio de cabelo do índio xinguano porque ali é a preservação da cultura!" e tal. Pôxa! Nós temos que ver qual é o tipo da política que está sendo implantada.

Joca — Como é que seria — vamos partir para um modo bem prático — a relação do antropólogo com a Funai ou mesmo com a comunidade indígena, dentro dessa política indigenista?

ORLANDO — Mas foram esses antropólogos que começaram! parte não como antropólogos, mas com a experiência que nós tínhamos, foi de certa forma, levou pra Funai e levou pro serviço de índios pela primeira vez essa questão em que eles eram muito mais radicais. Eles diziam "não há lugar para o índio dentro da sociedade nacional. O índio só sobrevive dentro da sua própria cultura". E esse lema "o índio só sobrevive dentro da sua própria cultura", foi a última coisa definida por Rondon e ele era pelo estabelecimento de grupos militares em áreas indígenas. Pois bem, Rondon antes de morrer dizia "não, tá errado, o índio só sobrevive dentro da sua própria cultura. Vamos defender a cultura do índio". Ai é que começou a nascer com o Parque Nacional do Xingu, com essa coisa de Rondon,

tranquila. Então é esse o receio nosso. Sérgio — Então quer dizer que vocês não estão, como dizem, com um zoológico de gente? ORLANDO — E, mas há gente que pensa que nós estávamos querendo transformar o Xingu num zoológico de gente. Basta observar um dado estatístico, altamente simples: quando o Brasil foi descoberto nós tínhamos 4 milhões e 500 mil criaturas; 4.500.000 índios. Naquela época Portugal tinha 1.500.000 criaturas. A França não ia além de 7/8 milhões, a Inglaterra 5 milhões. Esses países todos explodiram e aqui não temos mais do que 200 mil índios. Basta isso pra mostrar que todo o processo de aproximação, de integração do índio à sociedade européia, no início, e, à sociedade nossa, agora, é negativo, todos os processos foram negativos e continuarão sendo. Quem é que está despreparado pra isso? E o índio? Não. E a sociedade nossa, uma sociedade mais forte que contacta com uma sociedade mais fraca, e quer impor nossas regras, nossos valores. De maneira que, hoje, esse processo dos antropólogos se divide em etapas: primeiro, vem a aculturação, depois vem a integração.

O Futuro do índio

Sérgio — Esse estudo está se dando no momento em que as comunidades indígenas vivem a ameaça fatal de serem extintas.

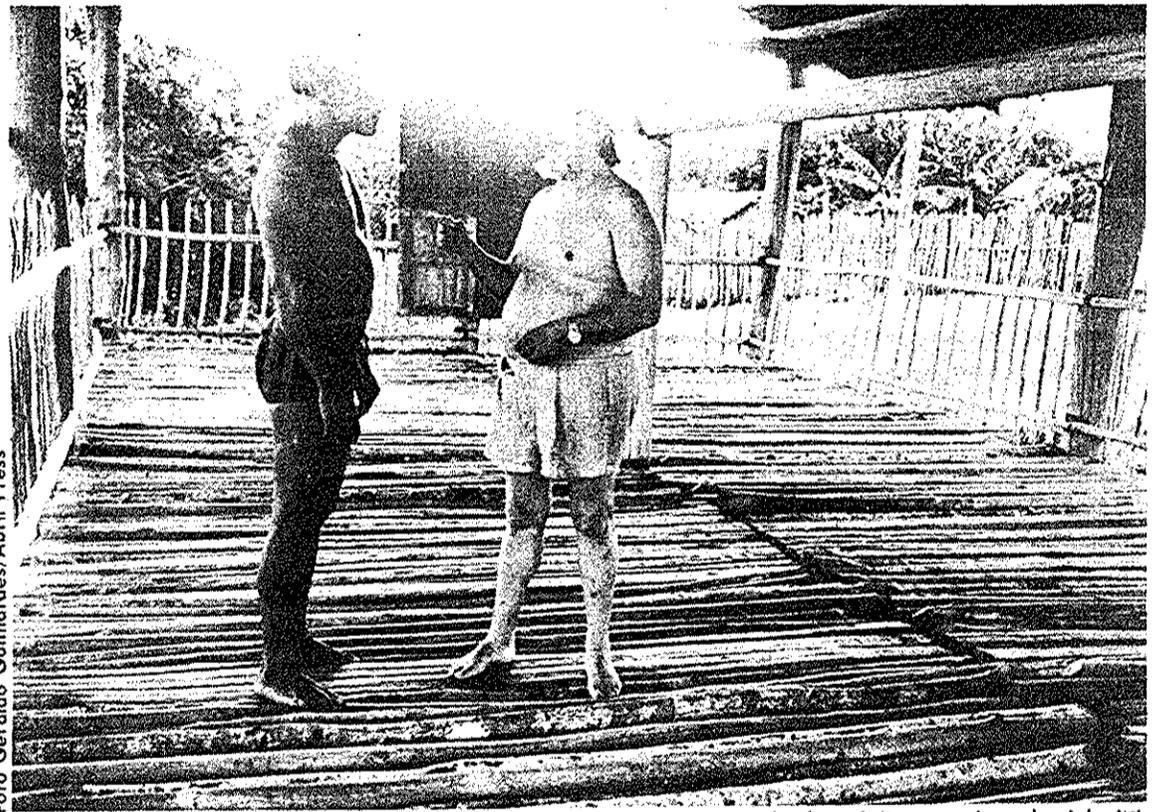


Foto Geraldo Guimarães/Abril Press

Orlando e Aritana, cacique dos Iulapitti.

Tirando algumas tribos protegidas pelo Xingu, como é que vocês vêem a situação, hoje, dos índios brasileiros frente a essas estradas, essas fazendas, esse mundo?

ORLANDO — Então, você vê, é altamente grave. E nós chegamos a sentir o seguinte: na sociedade brasileira de hoje não há lugar para o índio. E por isso que nós achamos que se a política, se as condições continuarem sendo essas de hoje, nós continuamos afirmando que não existe lugar pro índio na sociedade brasileira. O que a gente pensa quando mantém os índios dentro de suas reservas, dentro de parques, de toda forma defendido contra as frentes nossas de hoje, altamente tumultuadas e desregradadas, é na esperança de que o Brasil de amanhã, o Brasil daqui a 15 ou 20 anos, tenha condições melhores das quais os índios possam participar. Porque quem deve ser preparado pra esse choque, esse contato, é a sociedade nossa e não o índio, que tem uma sociedade estável,

Parece que a coisa agora, a última coisa requintada que tá sendo o termo da moda é a emancipação do índio, como se ele estivesse em condição de ser emancipado.

Sérgio — E qual seria a condição?

ORLANDO — O primeiro degrau seria a aculturação, eles ainda estão semi-aculturados.

Sérgio — Quer dizer, isso não é soltar o sujeito à caça livre? Como se fosse temporada de caça ao índio? Quer dizer, tá livre, emancipado pra ser abatido?

ORLANDO — Tá livre pra ser abatido. Porque o processo aculturativo é inexorável. Tem que existir. Seria em alguns casos até desumano a gente negar. Você tira um machado de pedra da mão do índio e dá um machado de ferro, ele tá dando um passo no sentido de aculturação. É um troço de uma cultura estranha pra sua própria cultura. Então você vai deixar de dar a ele um machado de ferro só pra poder mantê-lo assim, como uma curiosidade folclórica? Não. Então você vai facilitar a

vida do índio porque o fato de ele derrubar uma árvore com um machado de ferro não vai modificar a sua estrutura social, nem tampouco a sua estrutura cultural. Isso é um processo aculturativo. O perigo seria o processo de integração, porque integrar seria a troca ou substituição de valores, porque ninguém pode se integrar pela metade.

Sérgio — Quando um jacaré come um peixe, o peixe está se integrando ao jacaré.

ORLANDO — Ele tá emancipando o peixe (risos). Aqui nós vamos emancipar e engolir os índios. Agora, o processo de integração seria o índio aceitar outros valores que não são os seus, em troca de seus valores. O índio desapareceria como povo. Se diluiria como povo e o índio deve nos interessar como povo. Agora, a emancipação já é um degrau muito mais adiantado, quando ele tivesse condições de participar da vida econômica do civilizado, tivesse já absorvido os valores nossos. Porque é claro que se você vai igualar os direitos dele aos direitos do brasileiro comum, então é necessário que ele já tenha sido absorvido por essa sociedade mais nova. E isso não acontece. E o que define exatamente o indivíduo, para as

condições de emancipação, é o fato de ele poder decidir e optar por si. Por exemplo, há um receio de que o índio seja emancipado e que se perca tempo com isso. Você sabe que o índio não é dono da terra. O índio tem usufruto da terra. Toda terra ocupada pelo índio pertence à União. Mesmo que a União abra mão dessa terra e engulja o índio — 10 hectares de terra por família — eles incorrem em dois erros muito graves: primeiro, 10 hectares não representam nada porque a família do índio é totalmente diferente da família civilizada. Nossa família, a medida que ela cresce, ela tende a se espalhar, a se diluir. É claro: você casa, você tem um filho, teu filho casa, mas ele vai morar lá com a mulher dele, e o índio não. O índio, a medida que vai havendo casamento, vai aglutinando num núcleo só. Então a terra vai passar a ser pequena com o tempo, ao grupo que aumenta. Depois, outra coisa: se voce emancipa o índio e vinculo ele à terra pra ele e põe uma cláusula que ele não pode

se desfazer daquela terra em menos de 10 anos, você já dá de início um atestado de que o emancipador não tá tendo absolutamente confiança nas condições do emancipado. Então esse é um reconhecimento tácito de que esse emancipado não está em condições. E depois outra coisa: estamos numa discussão tola, idiota, sem absolutamente necessidade nenhuma. O índio não pesa em nada na balança nossa. O índio não é concorrente à terra. Duzentas mil criaturas num país de 9 milhões de quilômetros quadrados, compreende? Você vê, esse aqui é um país imenso; totalmente cheio de donos, mas desocupado. Você pega um avião daqui e vai com a cabeça fora da janelinha, olhando, daqui pra Brasília, isso é um deserto. Agora, você voa de Brasília para Manaus, você fica arrepiado de medo de ver aquele mundo lá em baixo. De vez em quando você vê assim uma clareira que parece uma moeda de dez centavos. É uma aldeia que aparece ou é um núcleo civilizado que aparece. E nessa altura nós estamos discutindo esse núcleo, disputando posse da terra que eles têm milenarmente.

Sérgio — Perante a História, quem é que terá que responder, caso venha essa emancipação, que significa a liquidação dos 200 mil índios brasileiros?

ORLANDO — Aqueles que assinarem as leis hoje. Seria o legislador que incluiu isso na Lei. Embora o legislador possa ter boa intenção: "eu estou apenas legislando, não estou mandando que se execute. Eu estou fazendo a Lei, e quando chegar a ocasião propícia, isso deve ser feito". Mas é um perigo, é uma arma que pode ser dada a uma pessoa que pode vir totalmente despreparada.

Sérgio — Quem é esse homem?

ORLANDO — Bom, seja lá quem for. Pode partir do Ministério do Interior, pode partir da Funai, seja quem for que faça a Lei. Isso não importa. Eles podem perfeitamente justificar: "Nós estamos pondo isso na Lei, mas não estamos dizendo que o índio deve ser emancipado. Vamos fazer apenas constar na Lei. Quando o índio tiver condições de ser emancipado, deve ser emancipado". Mas isso tem um grande perigo. É que você dá uma arma a um dirigente que pode surgir amanhã que seja altamente despreparado, e que pode usar como arma a emancipação. Mas no momento nós somos partidários da emancipação, viu?

Sérgio — Não entendi.

ORLANDO — De certa forma nós somos partidários da emancipação individual, dos índios que já estão destribalizados, índios que já não vivem dentro das comunidades, índios que vivem dentro das cidades e já participando da economia civilizada. Como um cidadão que há poucos dias, aqui em São Paulo, questão de um mês atrás... um índio que matou o outro a faca, em Santo André. Quer dizer, esse homem tem que ser rapidamente emancipado pra poder responder pelo crime, porque ele não matou em território indígena, e ele tem que prestar contas pelo que ele fez. Ele já vive da economia civilizada, ele vive vendendo artesanatos, ele vive vendendo ervas, ele vive vendendo uma série de coisas. Tem uma porção de índios, um número incontável de índios, nessas condições, já participando da vida do civilizado, que devem ser emancipados

A terra do índio

Sérgio — Pela primeira vez o Dia do Índio — 19 de abril — está sendo comemorado com força em São Paulo, através de uma semana de debates. O que deveria ser o ponto central dessa semana, na opinião de vocês?

CLAUDIO — Alertar, em primeiro lugar, que os índios estão numa situação precária, que esse dia é um dia em que os índios merecem ser homenageados.

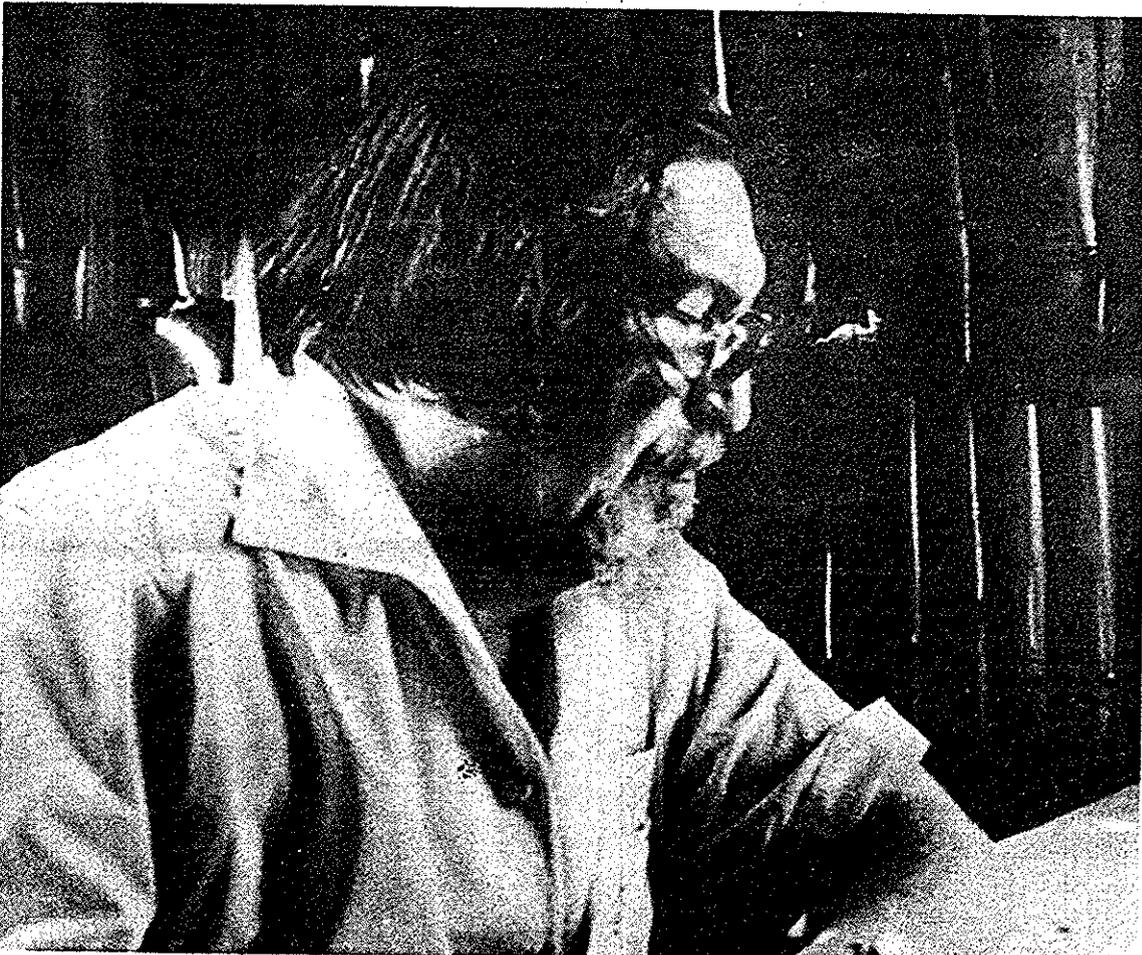
ORLANDO — A coisa que devia ser o ponto central para tudo aquilo que se falasse em torno do índio, era terra. Terra. Porque essa é a coisa principal. Tanto assim que a Funai decidiu que 78 será o "Ano da Terra". Inicialmente, ela partiu, este ano, já com dotações programadas para a medição de mais 40 áreas indígenas. O ano passado eles fizeram somente 18 áreas. Ninguém sabe, quais são estas áreas porque vão surgindo. Vai ter coisa assim, além de 100 ou 200 áreas, mas, só o fato de ela iniciar este ano 40 — porque desde 1910 até agora, nunca se preocupou com a terra, nunca os diretores se preocuparam com a terra do índio. Por que? Porque implicavam numa luta política incrível e num desgaste político tremendo para aquele que assume a direção do órgão. Torna-se um sujeito antipático, porque em todo e qualquer estado do Brasil que você mexa com terra de índio, você mexe com interesses enormes de pessoas altamente possantes na coisa e que você vai ferir os seus interesses. Então, o que acontece? O sujeito prefere se acomodar. O sujeito diz, eu vou ficar diretor por quatro anos, porque é que eu vou entrar em luta no Paraná, com os magnatas do Paraná e com os políticos do Paraná? O único lugar onde não existe litígio de terra é São Paulo. São Paulo é o único lugar onde se respeita a terra do índio. Mas nos outros Estados? A gente vai lutar, por exemplo, em Mato Grosso. Até hoje não teve um diretor da Funai que tivesse peito de entrar em luta com o governo de Mato Grosso, com os políticos do sul de Mato Grosso, pra defender a terra do índio. Esse que está aí, não sei se ele está aspirando ir para a frente, se quer ficar, se quer sair, não estou interessado. Eu estou interessado é no seguinte: é que a luta dele é terra. Ele está demarcando terra de índio. Está arrancando dinheiro de tudo quanto é lado, e o ministro, que era tido, por exemplo, como um sujeito não muito simpático ao índio, é o sujeito que mais está apoiando agora. Nenhum ministro apoiou tanto a Funai, na questão de terra, quanto este. Porque no começo brigava-se com esse ministro, se dizia que ele queria integrar o índio a toque de caixa. Esse ministro queria fazer a emancipação rápida, porque ele prometeu que na gestão dele faria a emancipação rápida do índio. Mas, ao mesmo tempo é o sujeito, até hoje, que soltou maiores recursos, porque eu fui testemunha. Eu fui chamado a Brasília pra servir de testemunha no contrato para a medição do Parque Nacional do Xingu.

E aí diz o ministro: "Esta é a

área na qual eu não permito que se toque no cabelo de um só índio, porque ali é a preservação do índio no seu estado de cultura pura". Bati assim o olho e li vinte milhões. Ó, a Funai nunca teve 20 milhões pra fazer coisa nenhuma. Ele pegou e deu os vinte milhões. Está medindo lá o Parque. Agora, ele conseguiu mais dinheiro para medir mais 40 áreas indígenas. Quem invade terra de índio não é o caboclo coitado, não. Atrás dele tem o dono da terra, o futuro dono da terra e contra este ninguém faz nada.

A sociedade ideal

Sérgio — Vocês sempre foram chamados para falar das cul-



Orlando no Xingu

turas indígenas e eu gostaria de saber como é que deveria ser, na opinião de vocês, uma sociedade melhor. Esta aqui se diz que não dá mais pra desmontar, que é tão tumultuada... como é que seria uma sociedade...

ORLANDO — A nossa aqui?

Sérgio — É. Essa que tem que se desenvolver 20/30 anos para poder dar tempo ao tempo, como vocês dizem. Esse tempo de 30 anos, na esperança de vocês, seria o que? O que seria a sociedade brasileira civilizada?

ORLANDO — Não, na minha esperança é que não seria só uma posição propriamente brasileira, seria uma posição do próprio mundo, de que o homem deixasse, perdesse esse grau adiantado de ambição que ele tem e essa fúria, principalmente hoje, nossa, essa nossa fúria, particularmente brasileira, de estar altamente empenhados em novas riquezas. E à procura dessas novas riquezas eles não têm mão a medir, sacrificam tudo. Nesse sacrifício nós temos notado, nós temos visto e aliás agora é coisa que todo mundo conhece, as maneiras como são tratadas essas comunidades indígenas, em contatos com as

frentes pioneiras. Mas daqui a 30/40 anos, quando o indivíduo for mais esclarecido, onde a riqueza não for o objetivo principal, ou melhor dizendo, não má distribuída como é, sendo melhor distribuída, pode ser que os índios sejam vistos com outros olhos, porque hoje, por exemplo, nós temos ainda autoridades que acham que o índio constitui obstáculo ao desenvolvimento. Eu acho que isso é um absurdo tão grande que eu não acredito que daqui a 20 anos, quando nós tivermos a instrução mais difundida, quando nós tivermos um outro tipo de gente que não esteja correndo atrás dessas riquezas, que o sujeito venha dizer uma barbaridade dessas, que possa alguém ou algum grupo humano impedir o desenvolvimento de outro grupo. Um grupo em detrimento do outro. De maneira que isso é um absurdo. Espero que isso aí, daqui a 20/30 anos, seja modificado, que o homem não seja o mesmo homem que esteja fazendo

uma explosão como São Paulo. São Paulo nunca poderá ser uma cidade estável, justa e humana, nunca poderá ser. Da maneira que ela está crescendo...

CLAUDIO — Nesse ponto temos que dizer, claramente, que aí precisava haver uma limitação por exemplo, da livre iniciativa. Não pode ser uma coisa sem limites. Então seria, por exemplo, um regime, não digo absolutamente um regime comunista, mas um socialismo. Não existe o tal socialismo cristão, até? Quer dizer, não pode haver pessoas com um bilhão de dólares na mão, e um sujeito que está pedindo pão nas portas. É um absurdo. Então, é uma sociedade substituindo o capitalismo, principalmente o brasileiro, que é o capitalismo antigo ainda, não é nem o neo-capitalismo. É capitalismo selvagem!

ORLANDO — Uma sociedade nova onde o homem fosse o sujeito, mais humanizado, mais respeitado. Onde o homem fosse a criatura prin-

do essa miséria que está fazendo, não seja um homem como o que já destruiu 200 mil alqueires de terra na Amazônia, à procura de novas riquezas. Transformando aqueles grandes espigões, as grandes matas da Amazônia, mais ou menos agricultáveis, que poderiam servir de celeiro pras populações de amanhã, transformadas hoje em grandes pastagens, por que? Porque eles estão na certeza de que o boi é a maneira mais rápida, mais fácil de se tirar o dinheiro da terra hoje.

Sérgio — Agora, aqui nas cidades, como é que deveria ser a vida nas cidades daqui a 30 anos?

ORLANDO — Eu queria uma cidade sem favelas, né? Uma cidade onde todas as possibilidades fossem iguais a todos, onde o pobre pudesse atingir as Universidades, compreende? Onde a Universidade não fosse apenas um privilégio do sujeito de recurso, ou de nome. Uma sociedade mais estável onde não houvesse essas grandes concorrências, e, principalmente, pra que isso pudesse acontecer, sociedades menores, cidades menores, não uma cidade de

cipal. Você vê o seguinte: se a malária matasse bois, nós estávamos saneando o Brasil Central, mas como não mata boi, mata homem, não tem importância. Deixa que o homem morra. Entendeu? Por que é que não existe malária em Santo Amaro, na Baixada Fluminense, nem tampouco na Santista? Por que? Porque a terra vale à pena. A terra é cara, ela é economicamente alta. Mas lá no Interior, lá, não tem interesse. O que é que nós temos? O grande fantasma da Amazônia ainda é a malária.

Sérgio — Agora, você, Claudio, me diga. Trazer à luz, trazer ao conhecimento do mundo civilizado essas regras de comportamento, de vivência dessas tribos, não é uma forma de ficar mostrando assim, no varejo, de pouco em pouco, que existe um outro jeito de ser, que é muito parecido com esse que o senhor estava dizendo, desse socialismo, dessa forma mais equitativa de participar das coisas? Vocês se sentem contribuidores da idéia geral, do socialismo no mundo, mostrando, ajudando a mostrar como é que os povos

primitivos vivem ainda hoje?

CLAUDIO — Nós achamos, por exemplo, que num regime socialista não aconteceria o que está acontecendo hoje. Essas multinacionais, o supercapitalismo, né? O homem deixa de ter qualquer valor nisso. O valor aí é o dólar, é o comércio, é o dinheiro. Tem que haver pelo menos uma revolução no sentido de se fazer um regime mais igualitário

Um presidente de dois povos

Sergio — D. Tomás Balduino, representando o Cimi, diz assim: A Funai é um órgão do Ministério do Interior; o Ministério é de um Governo que tem uma concepção "desenvolvi-

pequenos povos. Eles não queriam dela. Então o Camargo, com uma certa lógica, disse: "Não. Vamos começar a voltar devagarinho". Mas nós já comentávamos o seguinte: "Não, não é voltar devagarinho todos: só ela, porque é um órgão totalmente dependente. E o único de todo esse contexto que tem problemas sociais com que lutar. E como se fossem dois povos. Que beleza o presidente da República regendo os destinos de dois povos, através de um mesmo órgão, que seria a Casa Civil, né? Povo Brasileiro e Povo Indígena. Essa foi a nossa idéia

Sergio — Mas você continua se batendo por ela?

ORLANDO — Ah, continuo, mas isso não vai ter resultado. Eles não querem de maneira alguma. Já disseram taxativamente. O Geisel já falou: "Absolutamente, não".

Sergio — E o que a Funai tem feito contra as invasões de

"toda terra ocupada por indio não é considerada terra devoluta. É terra do Estado e se tiver indio, o usufruto é do indio". Então muito bem, a companhia requereu a terra, o Estado dá e diz: "bom, você vai fazer a medição". E você contrata um agrimensor pra fazer a medição na sua terra. Então o agrimensor tem uma despesa enorme na contratação de gente, de aparelhagem, de material necessário aos seus trabalhos, as barracas, etc, uma despesa enorme. faz aquilo tudo e caminha e vai lá pra área medir. Caminha, caminha, caminha. Depois de 10 km de pi-que, puft!, dá com um indio. O normal, de acordo com a lei, é fazer a medição, voltar e dizer ao Departamento "não pude fazer medição, porque lá encontrei indio e então é terra da União". Ele vai fazer? É claro que não. Então o que é que ele faz? Ele afasta o indio, ele grita, faz a medição e volta, e não diz que lá tem indio. Então

critério de advocacia que é capaz de firmar jurisprudência sobre a terra e é capaz de provar que o indio não existe. Entende?

Joca — A Funai só sabe depois que o litigio já existe?

ORLANDO — Claro, porque como é que ela vai saber?

Joca — Então, como é que poderia resolver esse tipo de coisa?

ORLANDO Era preciso que os pioneiros fossem homens de formação, fossem pessoas capacitadas de chegar, comunicar e dizer "lá tem indio". Na abertura de estradas a mesma coisa deveria ser feita, o próprio organismo federal traça uma estrada numa área que tem indio. Deveriam primeiro pegar esse traçado e entregar à Funai, pra ela verificar se tem gente ou não. Na nossa área aconteceu uma vez que uma estrada estava sendo aberta por uma companhia militar, e o coronel era um sujeito acessível. Nós chegamos e falamos "coronel, tá acontecendo isto, assim, as-

se reúnem regularmente, sob a batuta do presidente da República.

ORLANDO — Certo. Em reuniões eles dizem "vamos fazer isso". O outro diz "não, mas não convém fazer aquilo". Mas cada Ministério age independentemente. Se a Funai pertencesse à Casa Civil aí ela seria mais respeitada, porque ela teria um acesso maior a todos os Ministérios, não seria parte de um só Ministério, não dependeria do ministro. Pode ser um ministro formidável, etc, mas ele não vai entrar em atrito e conflito com uma dezena, ou 2, 3, 4 ou 5 Ministérios. Agora, se a Funai ficasse ligada à Presidência da República, por se tratar de um problema social, aí sim, daríamos um status diferente à Funai, né?

Valeu a pena?

Sergio — E valeu a pena viver essa vida?

CLAUDIO — Olha, eu não me arrependo. Eu tenho consciência do que representou passar toda a minha mocidade no mato e ter ficado 12 anos sem vir para a cidade, para São Paulo. Tenho consciência, sim, do que eu fiz, e não me arrependo.

ORLANDO — Eu também acho que valeu a pena sim. Na pior das hipóteses nós engrossamos as fileiras daqueles que mudaram uma velha política indigenista no país. Nós corremos pra que realmente o indio passasse a ser conhecido, porque há 30 ou 35 anos atrás, indio era considerado pouco mais que um bicho, não era respeitado como gente. Quando chegamos no Xingu, a mortalidade era grande. Houve uma época em que essa mortalidade se estagnou. Durante 4 anos não morreu uma criança e durante 3 não morreu um adulto. Tanto que tem uma cerimônia religiosa, uma espécie de Quarup, que homenageia os mortos e nessa oportunidade a aldeia que promove o cerimonial manda convidar as aldeias vizinhas. Mas não morria ninguém, não podia convidar ninguém para a cerimônia, simplesmente porque ela não podia acontecer! Então, a gente teve que fazer um Quarup homenageando o Leonardo, nosso mano que tinha morrido, e ao marechal Rondon, para poder congrega as aldeias vizinhas. Então vieram todos e choraram, choraram. Pagamos carpideiras. Claro, tinha carpideiras. Depois fizemos cerimônias Quarup para o Darci Camargo, Noel Nutels, Farla Lima. Parecia aquela novela da TV, o Bem-Amado (risos). Aconteceu até um negócio engraçado. Quando nós fomos para o Araguaia, o Claudio pediu férias na Telefônica e foi para o Araguaia. Um dia, 20 anos depois, eu por troca liguei para a companhia e pedi para falar com o Claudio. Eles simpaticamente disseram: "está de férias". O Claudio então me disse: "Será que eles vão me pagar os atrasados?"

Sergio — Não te despediram nunca?

CLAUDIO — Nunca fui despedido.

ORLANDO — Você pode ver que valeu a pena, se não eu continuaria como funcionário da Standard Oil e a essa hora eu tava com cara de tambor, sem gasolina!



Orlando na Câmara, no ano passado.

mentista" que ataca e agride as culturas não "produtivas", conforme as referências de modelo desenvolvimentista. Então, qual é a possibilidade da Funai vir a ter uma política independente que possa contrariar os desígnios do Ministério do Interior?

ORLANDO — Pois é. Mas quem lançou na Comissão de Inquérito a idéia de que a FUNAI deveria passar pra Casa Civil da Presidência da República, fui eu, não foi o padre Balduino.

Sergio — E esse projeto foi à frente?

ORLANDO — Não. Imediatamente foi contestado pelo coronel Camargo. Disse que isso era uma loucura, porque o Ministério do Interior foi criado exatamente pra tirar da Casa Civil todos os organismos que a ela eram antigamente ligados: IBC, IBGE, Fundação Brasil Central, Nova Cap. Parece que eram uns 20 ou 30. Criou-se o Ministério do Interior, exatamente porque chamava-se Ministério de Organismos Regionais, exatamente pra tirar da Casa Civil todos aqueles

terras indígenas que a imprensa tem noticiado?

ORLANDO — A Funai está com 14 ações só na Rondônia contra grandes multinacionais

Sergio — Que ações?

ORLANDO — Ações judiciais

Sergio — Sim, de que tipo?

ORLANDO — De invasão. Invasão da área de Nhambiquara.

Sergio — E entre essas 14 ...

ORLANDO — ... Empresas, empresas multinacionais daqui de São Paulo, do Rio e do Sul do País, invadindo a área. Nhambiquara já está toda repartida em pequenos grupos, no meio de grandes áreas já reveladas.

Agora, vai entrar no âmago desse negócio. Vai entrar. Por que é que o Cimi não denuncia quem deu a autorização pra ir pra lá?

Por que é que o Cimi não denuncia? Ele sabe melhor, porque ele é que nos informou.

Quem é que deu autorização pra que essas áreas fossem invadidas?

Joca — Mas como é que acontece uma invasão?

ORLANDO — O que acontece é o seguinte: uma companhia qualquer quer a terra em determinado ponto. O Estado concede a terra. A Constituição diz:

dai o sujeito pega aquela terra já demarcada, porque o Estado dá logo, o indio é um estorvo, aquela é uma terra a mais, dava uma futura fazenda, vai dar rendimento pro Estado, e então pá!, concorda. Ai começa o litigio. Ai a Funai é chamada, depois do conflito estabelecido. Por que ela não foi chamada na hora que o agrimensor ia medi-la? Porque ninguém é doido de fazer isso. Entendeu? Ai o sujeito é dono da terra e ele resolve ter um financiamento — mas isso é uma coisa mais recente — vai na Sudam. A Sudam diz "eu só dou o financiamento se você me trazer uma certidão negativa da Funai dizendo se lá tem ou não tem indio". Mas nessa altura a Funai já foi alertada: "foi aberta uma coisa numa terra que tem indio". A Funai tem a certidão negativa ao contrário, não concede, e estabelece então um conflito. O sujeito já ocupou a terra, ele já está escurraçando o indio, já tá lá dentro e então

ele entra em litigio com a Funai, litigio judicial. Então a Funai do lado de cá, tem o seu advogado.

E do lado de lá, se o comprador, se o novo dono, for uma potência multinacional, ele tem um es-

sim, indio tá aparecendo, então o senhor recue os seus homens". Recuou todos os homens e disse "ninguém mais avança, enquanto os Villas-Boas não disserem que pode avançar ou não". Mas isso você não vai encontrar numa companhia particular. A cada dia que passa é um prejuizo enorme. E o que acontece? Estabelece o conflito e a Funai então é chamada para dirimir esse conflito. Agora, o que é que vai fazer a Funai com isso, já encontrando o troço todo tumultuado? O indio já em estado de guerra contra a coisa! E isso que acontece nas aberturas das fazendas, nas aberturas das estradas. A Funai nunca é chamada. E isso é passível de críticas, dizem porque a Funai deixou fazer estradas ali?" Mas como se vai lutar contra uma estrada que está sendo aberta pela Camargo e Correia, pela Barreto, por uma companhia dessas grandes, como? Se é o próprio DNER que está lá?

Sergio — E, mas tem uma confusão aí, porque a Funai pertence ao Ministério do Interior, que é um organismo do governo; essas estradas são sempre vinculadas ao Ministério dos Transportes. Então esses Ministérios

"O orgulho de ser índio"

(Mairauê, índio kajabi)

por Rui Veiga.

Com a sinceridade característica de um índio, Mairauê, da tribo Kajabi, conta nesta página a violenta luta que seu povo vem sustentando para sobreviver. Não a sobrevivência isolada, individual, mas de toda uma cultura, uma tradição, que assumem hoje a importância de preservação da própria identidade, do ser indígena e do seu orgulho. O depoimento foi concedido a Rui Veiga em São Paulo, durante a realização da Semana Nacional do Índio, da qual participou defendendo os interesses de sua causa.

"Meu nome é Mairauê. tribo Kajabi, sou o chefe do posto de Auarun (posto da Funai no Parque do Xingu). Os kajabis vivem no Parque do Xingu há mais ou menos quinze anos. Nossa tribo é da região do Alto Tapajós, a oeste do rio Xingu. Tivemos que sair do nosso local de nascimento, devido às invasões dos brancos. Primeiro os seringueiros, depois os garimpeiros e finalmente as fazendas de gado. Muitas das tribos do Parque estão nas mesmas condições que nós, Kajabi. Os Kraen-akaore depois que foram pacificados na região onde viviam mais ao norte do Parque foram obrigados a virem para a reserva, porque sua terra foi invadida pelos seringueiros e depois pelos grandes fazendeiros da região e pelos seus peões. É muito triste a situação dos Kraen-akaore, a terra deles está toda acabada e a mata onde eles viviam, está nas mãos de grandes projetos de terra. Tudo destruído!

Dentro do Parque estamos com uma melhor sorte do que se estivéssemos fora. A nossa tribo hoje tem umas 280 pessoas e está havendo um nascimento cada vez maior de índios em todo o Parque. Nos últimos dois anos nasceram mais de cem crianças dentro da reserva.

PROBLEMAS DA TERRA E A DEMARCAÇÃO

Nós temos direito a nossa terra e vamos defender nossos direitos com ajuda da Funai ou não. Se nos expulsam do Xingu, nós não temos para onde ir. Todas as terras que antes eram dos povos índios, Kajabi, Xavante, Kraen-akaore estão nas mãos dos brancos. Qualquer invasão que houver, nós vamos comunicar à Funai, mas se ela não fizer nada nós nos defenderemos.

Hoje, existe um trabalho de demarcação e os índios estão muito contentes com isso, parece que a Funai está ajudando um pouco nosso povo. O presidente anterior da Funai, Bandeira de Mello, fez uma demarcação, mas ela saiu errada. Não obedecia os limites, e o problema da água continuava existindo, inclusive na demarcação que ele mandou fazer, as terras estreitavam-se. Índio vê que as coisas estão erradas, quando elas estão erradas e não é preciso branco ou funcionário da Funai para explicar isso para nós. A demarcação que o ex-presidente mandou fazer somente servia aos fazendeiros.

Nessa nova demarcação, já tem gente lá, nós vamos ajudar no que for preciso, porque defende parte dos nossos interesses. Pelos outros interesses vamos continuar brigando.

ÍNDIO E CHEFE DE POSTO

Desde pequeno eu acompanhei Cláudio Villas-Boas. Praticamente fui criado por ele. Com ele aprendi muitas coisas, e a falar o português. Com ele fui aprendendo as coisas da reserva e entendendo o que era ser chefe de posto. Quando ele saía para viajar eu ia para o seu lugar, ficava tomando conta. Um dia ele achou que eu daria certo para ser o chefe e ficar no lugar dele. E agora, eu estou lá...

O que você falou de índio escolher, quem vai ser o chefe do posto ainda não se conseguiu, porque as coisas não foram para esse lado. Por enquanto, índio não escolhe nada. Não tem voz e ainda não entende muitos problemas.

OS KAJABIS E O PARQUE DO XINGU

Os Kajabis não fazem nenhum

comércio com o branco, é proibido ao branco entrar no parque sem permissão da Funai. Nossa produção é só para nós mesmo. Sei que do Xingu não se tira nada para vender. Todas as peças de artesanato dos índios vendidos nos postos da Funai, são dos Karajás, na ilha do Bananal ou dos suyás. Nós ainda não entendemos, porque não podemos vender nada para fora. Eu também acho que nós não saberíamos como fazer, porque nós nunca mexemos com dinheiro e também, não existe nenhum funcionário da Funai de nossa confiança que possa servir de intermediário entre nós e os que vão comprar. Nós não estamos preparador para isso. E se isso acontecer, e toda a tribo tem que concordar e o dinheiro tem que vir para os índios, não como nota, mas como mercadorias, arado, trator e assim ganharíamos a independência. É preciso estudar ainda todas essas coisas e discutir com a tribo, porque outras tribos são sempre roubadas no comércio ou pelos funcionários ou pelos comerciantes.

O problema da independência ainda não está claro para nós. Eu sei que somos tutelados, mais ainda não sei que é emancipação. São coisas que eu não entendo direito e não posso falar, porque não sei nada ainda. E já estão demorando para começar a explicar isso para a gente.

— O CIMI E A RESTRIÇÃO DE ENTRADA NAS ÁREAS DA FUNAI

Eu tive pouco contacto com o Cimi.

Não sei bem o que aconteceu com o trabalho dos padres. Muitas vezes eu sei que eles não concordam com a Funai. Sei que o padre Iasi é totalmente contra a Funai e nós já recebemos uma rádio-circular proibindo ele de entrar na reserva. Não sei porque motivos. Foi uma ordem direta da direção da Funai. Eu não acho certa a ordem.

Eu gostei do que o D. Tomás Balduino falou naquele dia na Semana, mas acho que a Funai e o Cimi devem ficar cada um com a sua posição e trabalharem do jeito que eles acham melhor, e tenho esperança de que assim nós sejamos favorecidos.

— CULTURA, TRADIÇÃO E LINGUA

No Xingu nossa língua, nosso modo de viver tudo está sendo preservado por nós mesmos. Eu nasci no Tapajós, mas lembro pouco de lá. Mudaram algumas coisas, desde que viemos ao Xingu, a festa por exemplo, as pinturas já não são as mesmas. Mas a religião, a língua tudo continua igual, inclusive a plantação.

Quem sentiu muito a mudança foram os mais velhos, que estavam mais acostumados com a vida no Tapajós. Tanto que eles pediram para o diretor do parque, uma viagem de visita a nossa velha região para relembrar o passado e as glórias

da nação Kajabi. Visitar as antigas aldeias. A viagem vai ser agora em julho.

Para nosso povo, o mundo foi criado em vários lugares e o lugar de criação dos kajabi é o Tapajós. Lá é que nós temos nossos lugares sagrados e que não podemos ver desde que fomos transferidos para o Xingu. Eu tenho muito medo dessa viagem, porque vai deixar nossos mais velhos muito triste, porque os túmulos e os lugares sagrados já foram profanados pela pastagem e pelo gado dos fazendeiros. Mas para eles vai servir para mostrar melhor, o que faz o branco na terra. Índio não faz tanto estrago, como o branco com sua pastagem. O branco quando tem pouca terra não estraga, mas o fazendeiro não respeita nada.

— "EU SOU ÍNDIO!"

Eu não perdi o orgulho de ser índio. Eu sou índio! Eu sou Kajabi! Nas festas eu me pinto, danço e corro. Não perdi os costumes. Falo a minha língua, apesar de falar o português. É importante para o meu orgulho de ser kajabi, falar minha língua e conversar com meus irmãos.

Eu não sei o que quer dizer kajabi. Não é uma palavra nossa. Foi um nome que outras tribos da região deram para a gente e que ficou para nós como sendo o nosso nome. Mas ser kajabi para mim é aceitar esta palavra. Isto é ser índio. Viver na mata. Conhecer todos os seus barulhos. É diferente da vida do branco. O índio tem o seu nome ligado ao natural. Eu sou Mairause Kajabi, que quer dizer, Sol Azul Kajabi. Meus irmãos e parentes também tem o mesmo tipo de nome. O homem da cidade vive diferente, é tudo cheio de paredes, tem hora para tudo e não pensa no outro. Nós tratamos nossos índios como irmãos, não só os da nossa tribo, como os de todo o Parque tanto do Norte como os do Sul. Para nós é tudo igual. Antes fazíamos a guerra contra eles, mas hoje entendemos que estamos todos numa situação ruim e que temos que ficar juntos, sermos irmãos. Na cidade tem miséria e fome eu vejo branco pobre e rico, um explora o outro.

ÍNDIOS: CHEFES DE POSTO E A PRESIDÊNCIA DA FUNAI

Existem poucos índios como chefes de postos. A maioria são brancos. Eu acho que deveria cada vez mais deixar para os índios estes cargos, porque a discussão com nossa gente seria mais fácil e poderíamos resolver muitos problemas por nós mesmos. No momento somente existem dois índios chefes de posto, eu e o Mehiarun, dentro do parque.

Podemos pensar num dia em índio como presidente da Funai, mas ainda está longe. Nossa gente não está preparada e a burocracia ainda é um obstáculo na frente do índio.

O que nós devemos fazer é nos unir: todas as tribos — e discutir nossas idéias e o que cada uma aldeia ou tribo está querendo: o problema de defesa da terra, unir contra os grandes grupos de fazendeiros que derrubam a mata e acabam com a caça, garantir a tradição da nossa gente. Somente todos os índios juntos podem lutar melhor e pedir ajuda para os brancos que são nossos amigos. Só que somos nós quem devemos ir dirigindo a luta, pela nossa defesa e nossos direitos".

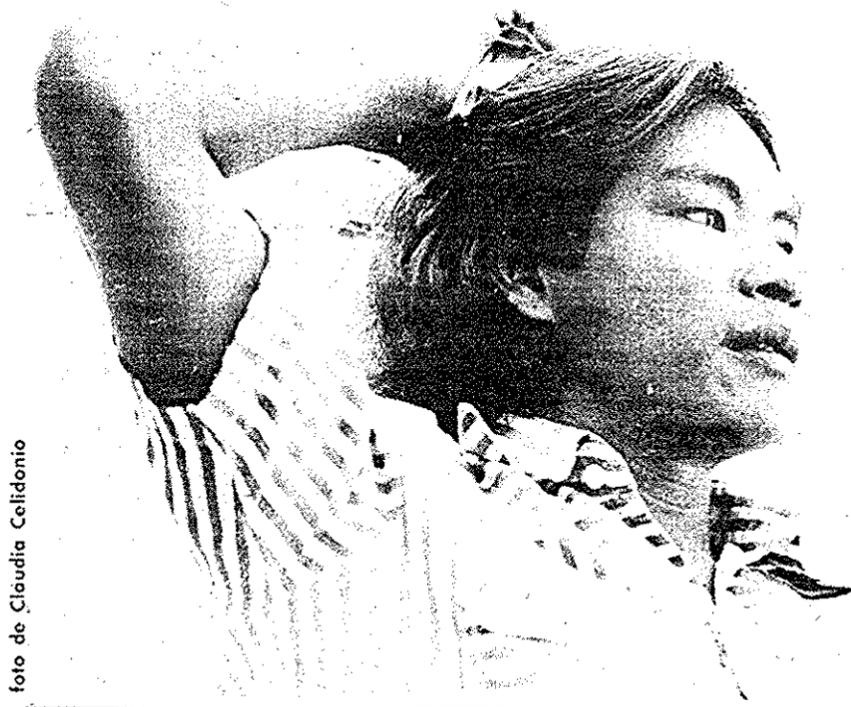


foto de Cláudia Celidonio

"ÍNDIO NÃO FAZ TANTO ESTRAGO NA TERRA COMO O BRANCO COM SUAS PASTAGENS. O BRANCO QUANDO TEM POUCA TERRA NÃO ESTRAGA, MAS FAZENDEIRO NÃO RESPEITA NADA."
(MAIRAUÊ)

"Estão roubando nossas terras"

(Cacique Juruna, Xavante)

A figura do cacique Juruna dispensa qualquer apresentação. Sua participação e suas declarações denunciando a espoliação do índio brasileiro já são bastante conhecidos por todos. "Estão nos roubando a terra" é a sua principal crítica. Nesta entrevista, Juruna põe em xeque a política de emancipação do índio e discute com ênfase o papel do branco nas terras indígenas. Este mesmo branco, que os vem roubando há quatro séculos e assassinando sua gente e que não entende a importância e o direito à existência de uma etnia. O depoimento foi concedido a Rui Veiga, em São Paulo, durante a Semana Nacional do Índio. Participaram da entrevista os repórteres Ana Dorc e Jurandyr Craveiro.



Foto de Cristina Villares

"ÍNDIO É TUTELADO. ENTÃO, ÍNDIO NÃO VOTA. SE ELE NÃO VOTA, QUAL É O INTERESSE QUE ALGUÉM TEM DE OUVIR O PROBLEMA DO ÍNDIO?"

(MARIO JURUNA)

estou lutando e para que a terra que foi roubada seja paga. O fazendeiro rouba a terra e o governo não faz nada, então governo também é culpado e tem que indenizar a minha gente pelo roubo. Se você anda pelo interior vai ver cada vez mais índios na miséria, pobre e com fome. E fazendeiro cada vez mais rico. Eu não quero ser boneco de branco que me explora.

Sai em todos os jornais, todos os dias, que posseiro invade terra de reservas, ou que o governo constrói estradas na nossa terra. Se o posseiro derruba e mata, a caça fica cada vez mais difícil e nós então não podemos mais ter comida fácil e temos que ir mais longe para caçar. Se a demarcação da terra é desobedecida, a água que vem de fora da nossa terra, pelos córregos chega suja de esterco do gado do fazendeiro e nós ficamos doentes com doenças diferentes. E o fazendeiro que invadiu a terra bebendo da melhor água.

FOLHETIM: Você acha que o governo sabe disso tudo?

Juruna: Talvez o Presidente do Brasil saiba sim. Mas nunca

quis me chamar para dizer isso tudo. Olha eu estou falando com você que é do jornal e já falei tantas vezes pelo jornal. Acho que o Presidente lê jornal, então ele deveria me chamar para que eu pudesse dizer tudo isso. Eu espero ainda que a qualquer hora o Presidente resolve me chamar. Ai eu vou falar toda verdade que está acontecendo e toda a falta de vergonha que alguns brancos estão fazendo com os índios. Na reserva Couto Magalhães, os índios chegam até a passar fome. Eu tenho parente, que a família toda foi roubada pelo branco, colono, posseiro. E teve alguns que tiveram a mulher morta, a casa incendiada e os filhos levados para trabalharem na roça. E muita desgraça!

FOLHETIM: Por que você acha que não foi chamado pelo Presidente da República?

Juruna — Índio é tutelado. Então índio não vota. Se ele não vota qual é o interesse que alguém tem de ouvir o problema do índio?...

FOLHETIM: O que você acha da Funai? E o que você pensa do Cimi (Conselho Missionário Indígenista)?

FOLHETIM: Cacique Juruna, você acha que a emancipação é boa para sua gente? E o que você acha da idéia de que o índio é atrasado, e que não pode responder por seus atos, não sendo considerado adulto pela lei?

Juruna: O índio não é atrasado. Ele pode não entender algumas coisas, mas atrasado ele não é, não. A maioria dos índios não entende o que é a tutela, nem sabe o que é a emancipação. Mas, eu sei o que é emancipação e tutela. O governo federal regulamenta que o índio é tutelado, então nós ficamos protegidos por ele. Agora se acontece a emancipação, acaba a tutela e nós ficamos abandonados. O índio, então, pode ser preso, por matar outro e outras coisas ruins. E o governo já não fica mais obrigado a tirar o índio da cadeia. Por isso, eu vejo como muito perigosa essa emancipação.

FOLHETIM: O que é a emancipação?

Juruna: A emancipação dá 10 alqueires de terra para cada índio. Só que o índio não está preparado para essas coisas. Nós índios ainda não estamos preparados para perceber o pensamento da burocracia do branco. Vamos levar muito tempo ainda para entender isso e então, se cada um de nós receber a terra individualmente, não vamos conseguir manter por muito tempo. A emancipação só vai servir para o branco jogar o índio fora da sua terra e eu acho que estamos todos passando por palhaços. A emancipação vai fazer do índio um palhaço do branco. Para o governo brasileiro nós somos menor. Enquanto existir o "tutelado" do governo, o índio vai ser considerado menor e poderá ter assistência do governo federal. Eu acho bom que enquanto o índio não entender o que é tutela, não venha nenhuma emancipação e nem nós sejamos considerados adultos, porque isto só vai favorecer aos brancos que querem roubar as nossas terras.

FOLHETIM: Você acha que se vier o projeto de emancipação, a vida em comunidade e a população índia vão acabar?

Juruna: O índio vai diminuir sim. É ruim para o índio deixar que ele viva uma vida igual que a da cidade. Nós estamos acostumados a viver juntos, a tratar todo mundo como irmão. Na cidade não, todos correm para lá e para cá, e ninguém tem tempo de olhar para os outros. Se a gente receber os 10 alqueires por índio vai acabar a comunidade e vai ficar mais fácil para o branco tirar a terra de nós. Ninguém de nós vai estar junto para ajudar um ao outro. Eu não quero tirar aquele cartão que o branco chama de cédula de identidade, porque aquilo é contra os costumes do índio. Quem está acostumado a andar solto, não pode se acostumar com aquela coisa no bolso. E qual é a autoridade que vai respeitar o índio? Já não respeitamos agora, pior ainda depois, com o fim da tutela. Se a gente for considerado adulto, vamos ter que votar para prefeito. Mas que prefeito vai defender o índio, se são todos brancos e até agora eles só roubaram a nossa terra? Na hora de votar vão ser amigos, mas depois nem vão lembrar da gente, a não ser para roubar. Tem mais coisa, na nossa terra hoje tem tudo. Nós fazemos a roça, plantamos, caçamos e pescamos, mas depois quem vai garantir que a terra que o governo deu para nós, vai ficar na mão do índio? Ninguém!

O branco, depois que o gover-

no tirar a proteção, vai procurar os índios e dizer que compra a terra, mas quanto ele vai pagar? Eles do governo podem dizer: "Mário, estes 10 alqueires são seus. "Ai eu penso está bom, mas eu quero vender, se não estou preparado, vendo e depois gasto o dinheiro em bobagens. E depois como é que eu vou viver? De peão nas fazendas daqueles homens que me compraram a terra, ganhando nada e sem a minha aldeia e a minha gente para viver comigo. Quem quer a emancipação são os que roubam a terra do índio e não quem quer defender o nosso direito de morar onde estamos. A tradição, a festa e a língua são muito importantes para que a gente possa aprender as coisas dos antepassados e como viver melhor juntos. Se elas acabam, vamos ter que falar em português e o branco vai conseguir enganar o índio, porque ele fala melhor a língua que nós. Sem festas, nós nunca vamos poder dizer que somos felizes e conhecer o que fizeram nossos pais, nossos avós. E assim, como ensinar as coisas para nossos filhos se nós não sabemos nada do que foi o Xavante.

O branco deve respeitar o índio e garantir a reserva para que ele possa trabalhar e viver em paz, sem preocupação junto dos seus parentes dos seus irmãos.

FOLHETIM: Quem está roubando a terra do índio?

Juruna: O índio tem o direito a terra. Ele não é escravo, nem empregado. Nós temos o direito a terra! Só que eu não entendo a burocracia do branco. Todo mundo está passando a perna no índio. Todo mundo. Eu pergunto, às vezes, quem manda no Brasil é governo ou é fazendeiro rico? Todos os ministros dizem que não podem tirar os fazendeiros da terra que ele rouba do índio. Eu pergunto de novo, para que serve o ministro?

A terra já era do índio antes do branco chegar aqui. Português veio e começou a roubar. O índio foi generoso e aceitou entregar tudo para o português, isto mostra que o índio não é mau. Se fosse mau, teria matado os portugueses. Eu já falei isso para o ministro do Interior o sr. Rangel Reis.

FOLHETIM: Você acha que o governo deveria pagar o índio pelas terras que ele, índio, perdeu desde o descobrimento? Seria assim como uma indenização?

Juruna: Pelo direito a que meu povo tenha terra é que eu

Juruna: Antes a Funai, com Bandeira de Melo, não fazia nada. Agora esse presidente tem boa vontade. Procura ajudar os índios. O general Ismarth tem tentado ajudar o meu povo. O Cimi eu conheço pouco, duas vezes, não sei como é. Mas ainda assim tem muita gente na Funai que não faz nada. Eu não entendo a burocracia do branco. Tem mais de 300 funcionários, que não trabalham, ficam em volta da mesa o dia todo, tomam refresco, tem tapete bonito na sala e só... Não é todo mundo igual não. Tem funcionários que querem saber o que nós pensamos, o que queremos. São generosos. Eu digo, o presidente da Funai, general Ismarth, poderia ser o ministro do Interior. Ele entende e sabe o que nós queremos. Outro funcionário que é amigo dos índios é o José Soares Silva. Os dois têm muito contato com os nossos irmãos e sabem o que quer cada um dos índios. Inclusive o projeto Xavante foi criado o ano passado, para melhorar a situação do índio e muita coisa que nós precisamos agora, como trator, arado, semente para a lavoura, já está prometido. Foi criado por este presidente da Funai. E por isso que eu digo se o Presidente que for tomar posse me chamar, eu peço para ele nomear o presidente da Funai como ministro do Interior.

FOLHETIM: O que você acha de um índio como presidente da Funai?

Juruna: Olha, para mim índio que for nomeado para esse cargo só pode ser índio que foi emancipado, e até agora nenhum índio emancipado defendeu os nossos interesses. Ele já viveu na cidade, teve contato com os brancos e esqueceu a vida dos seus irmãos na aldeia. Este índio, se for o presidente, não vai lutar para melhorar a vida do nosso povo, porque ele já está mais branco que índio e vai defender o fazendeiro e o que pagar melhor. Não resolve uma pessoa sozinha, é preciso que todos os índios sejam escutados.

FOLHETIM: O que você pensa da CPI do índio, realizada pelo Congresso no ano passado? Por que você não foi chamado para depor?

Juruna: Eu não fui chamado, por que eu ia dizer coisas que eles não queriam ouvir. Só foi convidado para depor, quem tinha interesse em encobrir a verdade. Nenhum índio foi chamado para falar. Por que? Para mim, essa CPI não existiu, porque mentiu sobre tudo. E o resultado é que nem a comissão para estudar de perto a demarcação está trabalhando. Qual era o interesse deles em falar a verdade?

FOLHETIM: Você acha que o branco corrompeu o índio?

Juruna: Para Xavante o branco não levou nenhuma doença, mas para outras tribos sim. Algumas ficaram com gripe, outras com sarampo. E algumas com doenças por causa da pouca-vergonha. Tem branco levando índio para beber. Nós só bebemos em dia de festa. O branco faz o nosso irmão se acostumar a beber todos os dias e nossos irmãos que aceitam fazer isso se perdem e fogem da aldeia, indo para a cidade viver de esmola e passar fome. Por que o branco em vez de levar bebida, e roubar nossas mulheres e filhas não levam estradas, sem derrubar a mata, sem matar a caça? Por que não levam transportes e ferramentas que nós precisamos tanto? Ou por que não ajudam o índio a ficar com suas tradições de pintar nas festas, das corridas do buriti, de falar nossa língua e viver em paz? Por que?



Quem não leu deveria ler. Afinal, é o primeiro documento escrito da terra — há 478 anos — recém-descoberta. Redigida em 1.º de maio de 1500, a bordo da nau capitânea de Pedro Álvares Cabral, a carta que o escrivão mor da esquadra portuguesa, Pero Vaz de Caminha, mandou ao rei D. Manuel é detalhada, quase cinematográfica, com um tamanho aproximado de 35 laudas. Descreve a primeira semana de contatos que os portugueses mantiveram com a Terra de Vera Cruz.

Note-se que essa primeira crônica do Brasil, chamada de “magno documento” pelo historiador Rodolfo Garcia, já é polêmica. Todos sabemos que nossa História é mal contada. E é mesmo. Costuma-se dizer que a História é a História dos vencedores. Mas isso é outra conversa. O fato é que a lenda reza que a esquadra de Pedro Álvares Cabral veio dar em terras brasileiras por força de uma mudança de rumo no seu caminho para as Índias. Cascata. A suposta tempestade que desviou a frota para as costas do Brasil não é descrita por Pero Vaz de Caminha. A certa altura ele escreve:

“Na noite seguinte à segunda-feira (16 de março) quando amanheceu, se perdeu da frota Vasco de Ataíde com a sua nau, sem haver tempo forte ou contrário para isso poder ser!”

Por outro lado, a leitura da carta mostra uma total ausência de surpresa pelo “descobrimento”. Ela tem um frio sabor de comunicado.

O PRIMEIRO...

... português a ter contato com os brasileiros foi Nicolau Coelho, capitão de um dos navios da frota.

E encontrou o primeiro grupo, uns vinte, “(...) pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas mãos, e suas setas. Vinham todos rijamente em direção ao batel. E Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os depuseram. Mas não pôde deles haver fala nem entendimento que aproveitasse, por o mar quebrar na costa. Somente arremessou-lhes um barrete vermelho e uma carapuça de linha que levava na cabeça, e um sombreiro preto. E um deles lhe arremessou um sombreiro de penas de ave, compridas, com uma copazinha pequena de penas vermelhas e pardas como de papagaio.”

Assim foi a primeira troca entre colonizadores e colonizados. E essas relações de troca iriam evoluir com o passar dos anos... aniquilando as nações indígenas.

No outro dia, Afonso Lopez, piloto da nau capitânea tomou dois índios em terra, “mancebos e de bons portes” e os levou a bordo, “onde foram recolhidos com muito prazer e festa”.

“A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Ném fazem mais caso de encobrir ou deixar de encobrir suas vergonhas do que mostrar a cara. Acerca disso são de grande inocência (...) traziam o beijo de baixo furado e metido nele um osso verdadeiro, de comprimento de uma mão travessa, e da grossura de um fuso de algodão, agudo na ponta como um furador. Metem-nos pela parte de dentro do beijo; e a parte que lhes fica entre o beijo e os dentes é feita a modo de roque de xadrez. E trazem-

Fac-símile da primeira página da carta de Pero (Pedro) Vaz de Caminha, em português antigo, com uma grande marca 'DESCOBERTA' sobreposta.

FAC-SIMILE DA PRIMEIRA PAGINA DA CARTA DE PERO (PEDRO) VAZ DE CAMINHA, cujo original se encontra no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa. Reproduzido, em tamanho menor, da Hist. da Col. Port. do Brasil.

no ali encaixado de sorte que não os magoa, nem põem estorvo no falar, nem no comer e beber.”

A bordo, os índios não quiseram comer, não gostaram do vinho. Um deles apontou para o colar de ouro de Pedro Álvares e indicou a terra, como se quisesse dizer que ali havia mais ouro. Mas Caminha ressalva: “Assim tomávamos nós nesse sentido, por assim o desejarmos!”

A nudez dos brasileiros embarçava os portugueses. Os que subiram a bordo acabaram por lá dormir. “E então estiraram-se de costas na alcatifa, a dormir, sem procurarem maneiras de encobrir suas vergonhas, as quais não eram fanadas; e as cabeleiras deles estavam bem raspadas e feitas.”

Diz, Aurelião! (Fanado. Adj. Desus. Cortado, amputado). Dá para entender como os portugueses esperavam encontrar as “vergonhas” dos nativos?

E sobre as mulheres: “Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem novinhas e gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas costas; e suas vergonhas

tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as nós muito bem olharmos não se envergonhavam (ou não nos envergonhavam).”

El Rey D. Manuel ficou sabendo ainda de mais coisas...

“E uma daquelas moças era toda tingida, de baixo a cima, daquela tintura, e certo era tão bem feita e tão redonda, e sua vergonha (que ela não tinha!) tão graciosa que a muitas mulheres de nossa terra, vendo-lhe tais feições, envergonhara, por não terem as suas como ela. Nenhum deles era fanado, mas (antes) todos assim como nós.”

E por aí vai. Mesmo tocando um ponto aleatório da costa da Bahia, os portugueses encontraram um grupo de quase duzentos índios, de uma população calculada de 20 milhões. Dos quais hoje sobram poucos. Os dois índios que primeiro subiram a bordo das naus portuguesas nunca mais voltaram, o que mereceu um comentário de Caminha: “Os outros dois que o Capitão teve nas naus, a que deu o que já ficou dito, nunca mais aqui aparecem — fatos de que

deduzo que é gente bestial e de pouco saber, e por isso tão esquiva.”

Pedro Álvares tinha curiosidade em saber como viviam os nativos, onde moravam, que costumes tinham. Mandou à terra um degredado, Afonso Ribeiro, para que passasse a noite na aldeia localizada mais para o interior da mata. Mas o português não foi feliz. Segundo a descrição de Caminha, parece que infringiu algum código indígena.

“E foi; e andou lá um bom pedaço, mas à tarde regressou, que o fizeram eles vir; e não o quiseram lá consentir. E deram-lhes arcos e setas; e não lhe tomaram nada do seu. Antes, disse ele (o degredado), que lhes tomara um deles umas continhas amarelas que levava, e fugia com elas, e ele se queixou e os outros foram logo após ele, e lhas tomaram e tornaram-lhas a dar; e então mandaram-no vir.”

Na quarta-feira, 29 de abril, tentaram outra vez dormir nas tabas: “Diogo Dias e Afonso Ribeiro, o degredado, aos quais o Capitão ontem ordenara que de toda maneira lá dormissem, tinham voltado já de noite, por eles (os nativos) não quererem que lá ficassem.”

Pero Vaz sempre se refere à inocência dos índios:

“Parece-me gente de tal inocência que, se nós entendêssemos a sua fala e eles a nossa, seriam logo cristãos, visto que não têm nem entendem crença alguma, segundo as aparências. (...) não duvido que eles, segundo a santa tenção de Vossa Alteza, se farão cristãos e hão de crer na nossa santa fé, a qual praza o Nosso Senhor que os traga, porque certamente, esta gente é boa e de bela simplicidade. E imprimir-se-á facilmente neles qualquer cunho que lhes deu bons corpos e bons rostos, como a homens bons. (...) E portanto Vossa Alteza, pois tanto deseja acrescentar a santa fé católica, deve cuidar da salvação deles. (...) Ora veja Vossa Alteza quem em tal inocência vive, se converterá, ou não se lhe ensinarem o que pertence à sua salvação.”

Os portugueses deixaram em terra dois degredados, para que conhecessem, e posteriormente contassem a seus patrícios, a vida e os costumes da nova terra. Fora os dois, dois outros marujos fugiram para terra, talvez impressionados com o paraíso encontrado. “Creio, Senhor, que com estes dois degredados que aqui ficam, ficarão mais dois grumetes; que esta noite se saíam em terra, desta nau, (...), fugidos, os quais não vieram mais. E cremos que ficarão aqui porque de manhã, prazendo a Deus, fazemos nossa partida daqui.”

Sobre as virtudes da terra, Caminha escreve:

“(...) a terra em si é de muito bons ares, frescos e temperados como os de Entre Douro e Minho, porque neste tempo dagora assim os achávamos como os de lá. (As) águas são muitas; infinitas. Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo; por causa das águas que tem!”

Esta carta foi encontrada por Juan Batista Muñoz, em 1793, na Torre do Tombo, em Lisboa. Foi publicada pela primeira vez em 1817 por Aires de Casal em seu livro Corografia Brasileira, editado no Rio de Janeiro.

E datada “deste Porto Seguro, da Vossa Ilha da Vera Cruz, hoje, sexta-feira, primeiro dia de maio de 1500”.